

## "O ESPAÇO SAGRADO"

### NARRAÇÃO

De um modo geral os candomblés baianos perpetuam tradições de diferentes povos e nações africanas para cá trazidos com a escravidão. Sobre todas essas tradições, no entanto, predomina a dos negros de fala iorubá, da costa ocidental africana, que os afro-baianos distinguem em "nações" gege, nagô, queto e ijexá.

Este filme documenta o espaço sagrado de um candomblé típico do Recôncavo baiano. Os cultos que aqui se praticam dividem-se em duas linhas distintas: a primeira prende-se à tradições gege-nagô, na qual se cultuam os orixás do panteão iorubano; a segunda dedica-se ao culto dos caboclos, ao que parece um sincretismo de ritual angola e banto com o catimbó indígena.

Trata-se de um filme introdutório, isto é, não apenas reflete vivência recente do autor com um universo do qual, pouco a pouco, está compartilhando, como pressupõe a realização de mais filmes, resultantes de outras vivências, que poderão complementar, aprofundar e, por que não? vir a revisar o tema que aqui se expõe.

Entre as árvores sagradas e os atabaques, no centro do barracão em que se realizam as festas públicas, encontra-se "plantado" o axé do terreiro, seu fundamento. Aqui estão enterrados objetos, representações materiais e simbólicas do axé, força vital que todos os seres, animados ou não, devem acumular, manter e desenvolver.

Deste ponto central o axé se expande para o pegi, onde se encontram os assentos dos orixás e que tem como patrono Iemanjá, orixá feminino das águas, o guia da Ialorixá do terreiro, a mãe, portadora do maior conhecimento ritual e místico.

Da mesma maneira que Iemanjá preside o culto dos orixás no terreiro, Tumba Junssara, o Rei dos Astros, preside o culto dos caboclos. Ele não só é representado visualmente na parede principal do barracão, atrás dos atabaques, como tem assento numa pedra, colocada no centro do seu pegi. Como ocorre com Iemanjá, quem o recebe é a Ialorixá, zeladora do terreiro.

As duas árvores sagradas que emergem do barracão também confirmam a distinção entre os dois cultos. A primeira, um cajá, é dedicada a Obaluaí ou Omalu, orixá da terra, temido senhor das doenças epidêmicas, como a varíola. A segunda, um oiti, pertence a Tumba Junssara. Plantada na cerca que separa o espaço urbano do terreiro do espaço-mato, relacionando-os, encontra-se o joá, árvore dedicada a Exu. Entidade que estabelece as relações e ligações, seu culto se faz necessário indistin-

tamento na linha africana e na de caboclos Além do joá, Eku possui uma casa só sua, onde em forma de pedra ou estatuetas de ferro e barro, encontram-se assentadas diversas de suas manifestações

A cozinha também será de utilização comum aos dois cultos Ai se preparam comidas sagradas da preferencia dos orixás e dos caboclos, como as que alimentarão os assentos de Eku

Somando-se ao barroão de festas, aos dois pegis, à casa de Eku e à cozinha, para completar a descrição do espaço urbano-sagrado do terreiro, resta apenas o roncô ou camarinha Nele são recolhidas as abians para fazerem a cabeça, isto é, para cumprirem uma série de obrigações rituais que as tornam iaôs, sacerdotizas dos orixás

Além da cerca que limita o espaço urbano, já no mato, à beira de um riacho, está a fonte sagrada Aqué se colhe a água para as obrigações do culto, aqui se banham, antes do sol nascer ou depois que se põe, as filhas recolhidas no roncô

O mato de modo geral é esgrado A vegetação no entanto tem como patrono Ossanha ou Agué, e só os sacerdotes que dominam seus segredos podem colher as ervas ou iqaba para fins rituais

Finalmente, além do mato, indefinido e pleno de mistério, e o espaço urbano, controlado e planejado pelo ser humano, o terreiro reconhece outros lugares sagrados Conduzidas pela Ialorixá, iaôs recém-feitas levam presentes a Iemanjá, orixá das águas, num local determinado do rio Paraguassí, que é tido como uma de suas moradas

FIM